

## A Música como função de Comunicação e Interação Social de Pessoas com Paralisia Cerebral

### Comunicação

*Murilo Alves Ferraz*  
Universidade Estadual de Maringá  
*muriloalves.ferraz@gmail.com*

*Vânia Malagutti*  
Universidade Estadual de Maringá  
*vamsloth@uem.br*

**Resumo:** Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída que teve como objetivo principal compreender os usos e as funções da música em uma Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial (EEBMEE) Albert Sabin localizada em Maringá, PR - uma instituição especializada em atendimentos de pessoas com Paralisia Cerebral (PC). O Mesmo foi dividido em três partes, onde inicialmente trago sucintas definições sobre PC, embasadas principalmente em Leite e Prado (2004) e Pereira (2018), como também documentos legais de referência nacional. Em seguida busco trazer a discussão de alguns autores que discutem sobre os usos e funções da música na Educação Básica como Souza (*et.al*, 2002), Hummes (2004), Araújo júnior (2007) dentre outros. Por fim, como objetivo principal deste artigo, abordo a função de Interação Social da música com pessoas com PC. Concluo então que essa função está presente na Escola e que os professores envolvidos na pesquisa reconhecem a importância dessa função para a manutenção das suas aulas no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Educação Musical Especial. Paralisia Cerebral. Usos e funções da Música na Educação Básica.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída que teve como objetivo principal compreender os usos e as funções da música em uma Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial (EEBMEE) Albert Sabin localizada em Maringá, PR - uma instituição especializada em atendimentos de pessoas com Paralisia Cerebral (PC). A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o estudo de caso, no âmbito

da pesquisa qualitativa, por meio de análise documental, entrevistas semi-estruturadas e observações participantes.

Esta escola funciona no âmbito da Associação Norte Paranaense de Reabilitação (ANPR), uma instituição sem fins lucrativos, especializada no tratamento de pessoas com PC, deficiências cognitivo-motoras e múltiplas deficiências.

A equipe escolar conta com 45 professores, sendo eles regentes de classe, auxiliares, professores de educação física e artes. Todos têm licenciatura, em especial Pedagogia, além de Educação Física e Artes Visuais, como também especialização em Educação Especial e em atendimento especializado. A equipe ainda conta com duas pedagogas, uma diretora e uma diretora auxiliar. Além do corpo docente e administrativo, a escola dispõe de atendentes para auxiliar na limpeza e locomoção dos alunos, psicólogos, fonoaudiólogos, assistente social e fisioterapeutas, que são responsáveis pela qualidade de vida e atendimento terapêutico dos alunos e das famílias (PPP, 2019).

No recorte para este artigo trago dados<sup>1</sup> referentes às turmas de estimulação essencial, ensino fundamental e EJA dos Professores Rodrigo, Iara e Néia, e Cíntia, como também trechos da entrevista com a pedagoga Caroline.

Ao mencionar Educação Especial refiro-me ao direcionamento de atendimento especializado a estudantes que necessitem desse acompanhamento dentro do contexto escolar. Isto é, para alunos que apresentam algum tipo de necessidades educacionais especiais, podendo ser cognitiva, física, neuro-motora, visual, auditiva, dentre outras.

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética. Os dados coletados foram por meio de entrevistas semi-estruturadas e observações participantes, as mesmas ocorreram por meados de setembro a novembro de 2021.



atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2014, p. 11).

A música, configura-se em um bem cultural, e como uma ação social se faz presente no cotidiano de crianças e jovens, sejam eles típicos ou atípicos<sup>2</sup>. Está nos meios de comunicação e nas relações humanas, conferindo efetiva participação no desenvolvimento humano. Diversos autores discutem a presença da música na Educação Especial, dentre eles, Louro (2006, 2010, 2012), Souza (2017) e Silva e Almeida (2018). A modalidade especial da educação básica abarca a música de maneira específica no que se refere aos “recursos e as formas como os conhecimentos são transmitidos” (LOURO, 2006, p. 28).

Os autores são unânimes ao defender a presença da música em processos formativos na modalidade especial, tanto como área de conhecimento quanto como ferramenta para a abordagem de outros conteúdos, uma vez que:

A música tem sido uma importante ferramenta na promoção de ações inclusivas, seja por seus valores intrínsecos, referentes ao próprio fazer musical, ou extrínsecos, relacionando esse fazer a questões extramusicais. O seu papel em políticas de inclusão tem buscado o resgate da dignidade humana e o exercício da cidadania por aqueles que se encontram em situação de exclusão ou vulnerabilidade social (SOUZA, 2017, p. 82).

No que se refere às pesquisas realizadas no campo da Educação Musical Especial, destaco o artigo de Fantini, July e Rose (2016), que traz a produção acadêmica dos últimos trinta anos no campo da Educação Musical Especial. O objetivo das pesquisadoras foi identificar, quantificar e mapear o campo da Educação Musical Especial no Brasil. De acordo com as autoras, a produção acadêmica com esta temática é escassa.

Este artigo foi dividido em três partes, onde inicialmente trago sucintas definições sobre PC, em seguida busco trazer a discussão de alguns autores que discutem sobre os usos

---

<sup>2</sup> Alunos típicos são aqueles que não necessitam de atendimento especializado na rede de ensino, seja em qualquer nível; alunos atípicos necessitam desse atendimento (DUARTE, 2022).

e funções da música na Educação Básica e por fim como objetivo principal deste artigo destaco a função de Interação Social da música com pessoas com PC.

### **Paralisia Cerebral - Aspectos Gerais**

A deficiência física, em tese, é aparentemente fácil de ser reconhecida, mas o motivo de sua existência e o grau de seu comprometimento apenas são diagnosticados com intervenções médicas. O termo reporta-se às lesões ocasionadas nos centros e nas vias nervosas que comandam os músculos e que podem ser causadas por infecções, em qualquer fase da vida.

Parte-se da premissa que a deficiência física é uma variedade de condições orgânicas que, de alguma forma, alteram o funcionamento normal do aparelho locomotor. Sendo assim, documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) definem a deficiência física/neuromotora como

(...) manifestações exteriores consistem em fraqueza muscular, paralisia ou falta de coordenação, geralmente são designadas mais apropriadamente como neuro-musculares, uma vez que as dificuldades encontram-se mais frequentemente nos centros e vias nervosas que comandam os músculos, do que nos músculos em si. Lesões nervosas podem ser causadas por infecções ou por lesões ocorridas em qualquer fase da vida da pessoa, podendo também ocorrer por uma degeneração sem causa aparente (BRASIL, 2006, p. 17).

As principais causas da deficiência física são: 1. Mielomeningocele, que é uma doença congênita (não adquirida), provocada por má formação da coluna vertebral e do sistema nervoso central; a coluna fica fora do corpo, o médico faz cirurgia, mas, geralmente, os pacientes ficam com sequelas; 2. Poliomielite, que é uma doença causada por até três tipos de vírus e que causa o atrofiamento e a degeneração celular nervosa; 3. Distrofia Muscular; 4. Lesão Medular; 5. Amputação, além de sequelas de queimaduras (BRASIL, 2006).

No contexto escolar, entretanto, a deficiência física mais comum é a PC, que, de acordo com Leite e Prado (2004), é causada pela falta de oxigênio no cérebro. Essa deficiência causa disfunção motora, comprometendo a coordenação motora, a fala e, em muitos casos, impedindo a locomoção, além de múltiplas deficiências.



A paralisia cerebral (PC) é caracterizada por uma alteração dos movimentos controlados ou posturais dos pacientes, aparecendo cedo, sendo secundária a uma lesão, danificação ou disfunção do sistema nervoso central (SNC) e não é reconhecido como resultado de uma doença cerebral progressiva ou degenerativa. O evento lesivo pode ocorrer no período pré, peri ou pós-natal (LEITE; PRADO, 2004, p. 41).

Sobre a PC, Pereira (2018) complementa que consiste em

Uma lesão permanente e não progressiva do sistema nervoso em desenvolvimento que afeta o tônus, os reflexos e as posturas, comprometendo o desenvolvimento motor do indivíduo. É um diagnóstico que abrange síndromes clínicas muito diversas em tipo, gravidade de comprometimento funcional, além de uma variedade de comorbidades clínicas e neurológicas (PEREIRA, 2018, p. 1).

A PC implica diretamente em algum comprometimento, seja cognitivo ou motor, resultando em alguma deficiência intelectual ou física. Comumente, a deficiência física está associada a outras deficiências, e não somente a física, ou seja, qualquer indivíduo que possua mais de uma deficiência se enquadra na situação de múltiplas deficiências.

### **Revisando a Literatura: Os usos e funções da música na Educação Básica**

O campo da pesquisa desenvolvida e conseqüentemente deste artigo se situa na modalidade da Educação Especial, inserido na Educação Básica de Ensino. Nessa direção, e considerando que o foco da investigação está nos usos e funções da música em uma instituição de ensino especial, me dediquei a um levantamento de produções em Educação Musical que contemplem esse viés.

As buscas por trabalhos com foco voltado para os usos e funções da música na Educação Básica foram realizadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, por meio de palavras-chave, como “usos e funções da música”, “função da música”, “educação básica e música”, e “função da música na educação especial”. Além disso, abordei, ainda, outras produções que abarcam esse foco.

Pensando, então, na proposta da escrita, os trabalhos selecionados para essa revisão de literatura serão descritos em ordem cronológica de publicação, pois, assim, foi possível compreender também como se dava o pensamento acerca do tema no decorrer da história.





Foram encontrados alguns trabalhos que abordam tal assunto, dentre eles, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

O primeiro trabalho encontrado foi o de Souza *et. al* (2002), um livro que tem como objetivo principal salientar o que faz a música na escola, a partir das concepções e vivências de professores da rede básica de Ensino Fundamental.

As autoras concluem que o ensino de música no currículo escolar é tido como periférico no processo da educação escolar, por mais que as professoras e membros da administração escolar reconheçam a importância do ensino de música na formação dos alunos

Ademais, trago o trabalho de Hummes (2004), que teve como principal objetivo investigar, aos olhos da direção escolar, quais funções a música tem nas escolas da cidade de Montenegro-RS. O caminho metodológico que seu trabalho percorreu foi o Survey. Com base em Merriam, Hummes aborda dez categorias sobre a função social da música: (1) Função de expressão emocional; (2) Função do prazer estético; (3) Função de divertimento, entretenimento; (4) Função de comunicação; (5) Função de representação simbólica; (6) Função de reação física; (7) Função de impor conformidade às normas sociais; (8) Função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; (9) Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; (10) Função de contribuição para a integração da sociedade (MERRIAN, 1964 *apud* HUMMES, 2004).

A partir dessas categorias, a autora conclui que o grande problema da efetivação do ensino de música nas escolas é a falta de profissionais na área da Educação Musical atuando nessas instituições, o que impressiona a pesquisadora, visto que o município em questão tem uma longa tradição musical e que possui cursos de formação inicial e continuada para os profissionais que se interessem pela área.

Seguindo a cronologia dos trabalhos encontrados, há a pesquisa de Sanchotene (2006), que teve como principal objetivo investigar as funções da música em cinco escolas de ensino fundamental da cidade de Porto Alegre.



Mais próximo à temática da Educação Especial que abordasse as funções da música nesse contexto foi o trabalho de Araújo Júnior (2007), que tinha como principal objetivo realizar uma investigação acerca do processo de inclusão das pessoas com deficiência nas escolas municipais de ensino de João Pessoa-PB.

Ainda na rede básica de ensino, há a pesquisa de Loureiro (2010), um trabalho mais direcionado para a Educação Infantil, que tem como principal objetivo investigar a existência da música e suas respectivas representações, entre os aspectos teóricos e políticos da educação infantil: representação escolar no discurso oficial e sua relação com a dimensão prática em crianças de zero a cinco anos de idade.

Lopardo (2014), ao longo do doutorado em Educação Musical, teve como objetivo principal, em sua pesquisa, observar, analisar e discutir os diferentes caminhos que uma escola privada de ensino básico, em Porto Alegre, percorreu ao implementar a Lei 11.769/08 em todos os seus níveis de ensino.

Dos trabalhos que foram selecionados para essa revisão de literatura, chego no mais recente encontrado, que é o de Gonçalves (2020), que tem por objetivo principal discutir a função da música na Educação Básica, a partir dos marcos legais e da literatura, e apresentar o esboço de uma proposta pedagógica para aulas de música nos anos iniciais da Educação Básica.

### **Função de Comunicação e Interação Social**

*Eu utilizo a música na minha turma com o intuito de promover a socialização e a interação, sabe... e assim fica um clima mais de descontração e de lazer né, e com a utilização da música na sala eu pude perceber que os alunos têm melhorado a oralidade e estão mais participativos nas aulas também (Professor Rodrigo).*

A interação é uma função que emergiu dos dados da pesquisa. Esta função é apontada por Sekeff (2007, p. 23) e também aparece em outras pesquisas, em diferentes contextos, dentre elas Hummes (2004), Souza (2002), Sanchotene (2006) e Lopardo (2014). Por interação, entendo aqui essa conexão do indivíduo com os demais e com o seu meio a partir da música



ou potencializada por ela. A partir dos dados da pesquisa a função interação foi localizada especialmente pela fala dos professores e em diversos momentos de observações.

Na turma do professor Rodrigo, as aulas que envolviam música, eram ricas de diálogos e debates para a escolha do repertório que o professor iria colocar na caixa de som para eles ouvirem, me mostrando o quanto eles interagiam entre si por conta da música.

Os alunos se divertem muito e interagem uns com os outros para escolha da próxima música que eles vão cantar. Eles dialogam e debatem sobre a escolha do repertório. [...] eles discutem se organizam as sequências das músicas (Relatório de observação da aula do professor Rodrigo).

Nas aulas observadas, a escolha das músicas ocorria com a mediação do professor. Para reproduzir as músicas, ele levava uma caixinha de som e a conectava com seu celular, via Bluetooth. Conforme a música se encerrava a turma começava a interagir coletivamente para decidir qual seria a próxima música que iriam ouvir na caixinha de som. Meio que ao final de cada música, um aluno por vez poderia escolher qual seria a próxima, nesse momento os demais colegas diziam se conheciam a música, se gostavam de ouvi-la e qual o nome dos intérpretes.

Souza (2014) entende que tratar a música como uma forma de comunicação, sentidos, símbolos e emoções, desencadeia então a crença de que os alunos podem expor e criar hipóteses de suas experiências musicais, podendo ter um diálogo sobre eles. Entre todos os valores que promovem o ensino da música, este parece ser o mais importante.

Reafirmando assim a interação não só do aluno para com seu meio, mas também do aluno para com a própria música. Para além das aulas do professor Rodrigo, essa função foi observada também nas aulas da professora Néia:

Todos os alunos estavam atentos à atividade proposta pela professora, esperando o momento de chegar a sua vez [...]. A música consistia em verbalizar seu primeiro nome - “Boa tarde fulano como vai?” Nesta atividade a professora propunha aos alunos que tinham o verbal desenvolvido, de cantar o nome dos alunos que não conseguiam falar (Relatório de observação da aula da professora Néia).





Nesta atividade a interação entre os alunos falantes e os que não falavam ocorria de maneira bastante intensa. Os alunos que verbalizavam, sentiam-se valorizados e validados ao serem convidados a cantar o nome do colega, e o colega que não dispunha desta habilidade, ao ouvir seu nome pronunciado, sentia-se integrado e participante.

O paralisado cerebral, mesmo que com suas limitações, é um ser pensante, ativo dentro de suas limitações, e que a partir de seus constructos e realidade de vida, se comunica com seu meio, mesmo que de maneira adaptada, e muitas vezes utiliza da música como meio para essa comunicação e interação.

(...) então assim, a música é muito ampla, muito bonita... eu falo que, assim, é divino você ver o professor trabalhando com a música porque abrange tudo, a linguagem verbal, a não verbal... [...] através de apontamentos... como eu tinha a aluna Lara... ela pegava a mãozinha dela, abria a mãozinha e colocava o dedinho na palma da outra mão. O que é? Apontando a música do “Pintinho Amarelinho”. Eu já sabia identificar e ela também sabia identificar através do movimento que ela fazia, o gesto que ela fazia, ela já fazia autocomunicação, pedindo a música do “Pintinho Amarelinho”<sup>3</sup>. Se eu cantava a música da “Borboletinha”<sup>4</sup>, ela apontava o dedinho no narizinho dela. É uma forma de comunicação comigo que eu sabia que era da Borboletinha que ela queria a música, sabe? Então a música ela abrange muito isso na criança, você consegue ter uma comunicação com a criança que fala e com a que não fala ainda. Então é de suma importância um professor está trabalhando a música na educação infantil (Professora Lara).

Neste contexto, o fato de Lara gostar das músicas “Pintinho Amarelinho” e “Borboletinha” e desejar ouvi-las, a levava a reproduzir os gestos que havia aprendido como específicos destas canções e as solicitar. O gosto pelas músicas tornou-se o elemento estimulante para ela interagir com a professora e comunicar o que desejava. Neste relato fica claro que o que mais importa no contexto educacional é a relação que o aluno constrói com a música, pois a partir dela, outras habilidades se desenvolvem. Nas palavras de Souza (2014, p. 8) “dessa forma, o que estaria no centro da aula de música seria as relações que os alunos constroem com a música, seja ela qual for”.

---

<sup>3</sup> Música popular infantil utilizada na aula da professora. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=7MeMUOLiLUM>. Acesso em 27/06/2023.

<sup>4</sup> Música popular infantil utilizada na aula da professora. Link: [https://www.youtube.com/watch?v=28iW\\_O5qWfU](https://www.youtube.com/watch?v=28iW_O5qWfU). Acesso em 27/06/2023.

O relato da Professora Iara revela o olhar atento e a valorização que ela dá à música e aos avanços de seus alunos. No contexto da Educação Especial, manifestações aparentemente simples ou pequenas adquirem um significado muito especial, pois cada conquista é fruto de esforços coletivos e se constitui em uma ação a ser celebrada.

As músicas mencionadas no relato fazem parte do repertório midiático, de modo que está presente na cultura infantil brasileira e que são familiares aos alunos. É possível que a relação estabelecida com estas músicas não esteja conectada somente ao contexto escolar, mas ao cotidiano de Lara, em seus outros espaços. A relação que os alunos estabelecem com a música são, muitas vezes, o ponto de partida para outras atividades musicais.

A professora Cíntia conta que faz uso das referências musicais dos alunos para trabalhar a oralidade e conseqüentemente a interação com a turma:

(...) tenho alguns alunos que já trazem algumas músicas de casa e que a gente coloca aqui na aula para trabalhar a oralidade, a concentração, para tentar colocar a música dentro do contexto da aula. Então, sempre tem o momento da música, quando não tem esse momento fixo da música, eu deixo rodando a música o período todo (Professora Cíntia).

Os professores entrevistados afirmam que, mesmo que sem formação em música, consideram as vivências musicais de seus alunos. Há uma preocupação em ouvi-los e atender suas preferências musicais. Há, portanto, um interesse real em dar espaço para as músicas que os alunos trazem de casa.

Muitas vezes o professor irá perceber seus gostos e suas particularidades através dos momentos de prazer e interação social que a música é capaz de proporcionar aos alunos. Com isso, pensar em música: “parte da consciência da época em que vivemos, significa pensar também nos alunos que estão em sala de aula como sujeitos desse contexto histórico-cultural complexo e dinâmico” (SOUZA, 2014, p. 10).

A escola de modo geral proporciona momentos em que a música é o agente principal de fomento da interação entre os alunos:

Murilo: Nos momentos de intervalo e lazer dos alunos existe o uso da música de alguma forma?



Caroline: Sim, nós temos o recreio, o intervalo, que nós chamamos de recreio dirigido. Os professores, no momento em que estão no pátio com os alunos utilizam da música para fazer uma interação naquele momento, para interagir com os alunos, para prender a atenção dos alunos no momento do intervalo, tanto com o rádio, como CDs e músicas tocadas com algum instrumento de brinquedo né, então é utilizado sim na hora do intervalo (Pedagoga Caroline, *Entrevistada*).

A partir de como os alunos interagem com seu meio e com a própria música, seja falando, dançando, cantando, rindo ao ouvir as músicas tocadas no rádio, as professoras conduzem esse espectro de interações de acordo com a escolha da seleção de música que são reproduzidas no intervalo. Logo os alunos também são capazes de opinar nas escolhas das músicas, o que os leva a interagir com os envolvidos no processo.

Desse modo, a respeito da música no contexto escolar, os mecanismos de troca e interação entre a experiência prévia e o conhecimento dos alunos são construídos à medida que as práticas musicais escolares abrem espaços para que o aluno se expresse, se comunique e crie, principalmente a partir de si mesmo, conhecimentos e as formas de como fazer e aprender música na escola (LOPARDO, 2014). Esses mecanismos de troca podem ser feitos tanto dentro quanto fora da sala de aula, tornando assim a escola como um todo, um espaço de interação e de socialização, utilizando a música como um recurso para tal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como principal objetivo evidenciar a função de Comunicação e Interação Social da música com pessoas com PC. Para isso foi feita uma rápida definição de conceitos sobre palavras-chave importantes acerca do assunto, como também um levantamento de dados por meio de uma revisão bibliográfica sobre os usos e funções da música no contexto da Educação Básica.

De acordo com os dados obtidos o professor que mais utiliza a música como essa função é o professor Rodrigo, sua turma, além de ser do EJA, ou seja, os alunos são em sua totalidade adultos, é uma turma menos comprometida cognitivamente, quase todos os alunos têm a verbalização e a cognição consideravelmente preservada. Especificamente na turma deste professor, há nitidamente uma interação entre os alunos conversando, discutindo e

opinando as músicas que eles queriam ouvir, como também, e particularmente, vejo como a interação social o próprio fato de os alunos cantarem juntos.

Essa função também ficou mais evidente nas aulas da professora Néia, que atendia a turma de apoio estudantil, vejo semelhança nessas duas turmas no que tange ao comprometimento cognitivo dos alunos - os alunos de ambas as turmas são mais preservados cognitivamente. Devido a idade, os alunos do professor Rodrigo, são mais desenvolvidos, mas, percebia-se interação dos alunos da professora Néia entre si e com a própria professora, pois a mesma sempre tentava estimular a verbalização entre os alunos que tinham essa capacidade.

Outro ponto em que ficou evidente a interação social dos alunos, foi nas falas da pedagoga Caroline, que, em entrevista disse que a escola realiza diversos eventos extra classe, com o principal objetivo de promover o lazer, entretenimento e a interação social entre os alunos.

Por fim, a pesquisa ainda teve diversos outros desdobramentos no que tange os usos e funções da música, dentro da subárea da Educação Musical Especial, mas que serão discutidos em um outro momento.

## Referências

ARAÚJO JÚNIOR, Rusiel Paulino de. **A educação musical inclusiva nas escolas de educação básica: perspectivas conceituais e metodológicas**. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos com deficiência física/neuro-motora**. 2. ed. Brasília, 2006. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica.pdf>> Acesso em 17 de novembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2014.

DUARTE, Karine Rayara Peres. **Educação musical especial nos cursos de licenciatura em música das universidades públicas do Paraná** - Maringá, PR, 2022. 181 f.



FANTINI, Renata Franco Severo.; JOLY, Ilza Zenker Leme.; ROSE, Tânia Maria Santana de. **Educação Musical especial: produção brasileira nos últimos 30 anos.** Revista da ABEM, v. 24, n. 36, 2016. p. 36-54.

GONÇALVES, Isabelle Marques. **Ensino de música em Escolas Parque de tempo integral: uma proposta pedagógica.** 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

HUMMES, Júlia Maria. **As funções do ensino de música na escola sob a ótica da direção escolar: um estudo nas escolas de Montenegro.** 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LEITE, J. M. R. S.; PRADO, G. F. do. **Paralisia cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos.** Revista Neurociências, v. 12, n. 1, 2004, p. 41-45.

LOPARDO, Carla Eugenia. **A inserção da música na escola: um estudo de caso em uma escola privada de Porto Alegre.** 2014. 289 f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **A presença da música na educação infantil: entre o discurso oficial e a prática.** 2010. 303 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

LOURO, Viviane dos Santos (org.). **Arte e Responsabilidade Social: inclusão pelo teatro e pela música.** São Paulo: TDT Artes, 2010.

LOURO, Viviane dos Santos. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas.** São José dos Campos: Estúdio II, 2006.

LOURO, Viviane dos Santos. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência.** São Paulo: Editora Som, 2012.

PEREIRA, Heloisa Viscaino. **Paralisia cerebral.** Rev. Resid. Pediatr, v. 8, n. 1, 2018, p. 49-55.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual na Modalidade de Educação Especial Albert Sabin, Maringá, 2019.

SANCHOTENE, Ângela Beatriz Crivellaro. **Funções da música no ensino fundamental: um olhar sobre cinco escolas estaduais de Porto Alegre/RS.** 2006. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.



SILVA, Crislany Viana da; ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. **Educação musical e inclusão: um estudo sobre as práticas de professores de música no ensino fundamental**. Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 14, n. 4, 2018, p. 78-100.

SOUZA, et. al. **O que faz a música na escola? Concepções e vivências de professores do ensino fundamental**. Série Estudos 6. Porto Alegre, 2002.

SOUZA, Jusamara. **Educação musical e práticas sociais**. Revista da ABEM, v. 12, n. 10, 2014, p. 7-11.

SOUZA, Leonnardo Limongi de. **Música e deficiência: processos de ensino e aprendizagem em um espaço não formal de educação musical**. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

